

VIOÊNCIA OBSTÉTRICA NOS DIAS ATUAIS

Maria Eduarda de Moraes Nunes¹, Mikaellen da Silva Pinheiro¹, Gabriely Araújo Barbosa¹, Agrício Pedro de Alcantara²

¹Discente do Curso de Enfermagem da Faculdade Estácio de Carapicuíba. ²Enfermeiro. Especialista em Enfermagem em Urgência e Emergência; Docência do Ensino Médio Técnico e Superior para a Área da Saúde. Discente do Curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Carapicuíba. Preceptor de Estágio Curricular Supervisionado em Enfermagem na Faculdade Estácio de Carapicuíba. E-mail: agricio.pedro@yahoo.com.br

Introdução: A violência obstétrica se manifesta em práticas que são vistas como rotineiras por alguns, tais como o uso indiscriminado de ocitocina, toques vaginais repetitivos, episiotomia sem indicação clínica, restrição de acompanhantes, cesarianas sem necessidade e comentários desrespeitosos, ressaltando a ausência do protagonismo da mulher em seu próprio processo de gestar e parir. A banalização da violência obstétrica (VO) é discretamente naturalizada em condutas tidas como “brincadeiras” e “piadas” por profissionais da saúde, que socialmente difundem essa realidade para as mulheres como algo normal. Muitas dessas ações sequer são compreendidas pelas mulheres como VO, pois a violência institucional é invisível ou aceita como natural, sendo justificada como “práticas necessárias ao bem-estar das próprias mulheres”, permeando o pouco conhecimento em relação à VO. **Objetivo:** Analisar, por meio de revisão de literatura, a recorrência da violência obstétrica, destacando o processo de enfermagem no combate a ela. **Material e Método:** Trata-se de uma revisão da literatura disponível por meios eletrônicos LILACS e SciELO. A busca se deu por artigos disponíveis na íntegra, em português, publicados entre 2021 e 2026, totalizando cinco artigos. **Resultados e Discussão:** Segundo dados levantados pela Fundação Oswaldo Cruz, cerca de 45% das mulheres atendidas no Sistema Único de Saúde (SUS) e 30% em hospitais privados relataram ter sofrido alguma forma de violência obstétrica durante o parto. A prevalência total de violência obstétrica foi de 65,3%. Os tipos de violência obstétrica mais prevalentes foram toques vaginais inadequados (46,2%), negligência (31,5%) e abuso psicológico (21,7%). A enfermagem tem papel crucial no desenvolvimento do combate à violência obstétrica, não apenas por se tratar da ciência do cuidar, mas também por manter contato direto e essencial com as parturientes. É dever da equipe multidisciplinar, como um todo, garantir ética e humanização durante todo o período, visando assegurar os direitos vigentes na Constituição. Ressalta-se que a omissão perante colegas que praticam VO também deve ser vista como violência. Portanto, o estímulo ao pensamento crítico e à comunicação durante a formação dos profissionais de enfermagem é basilar para a implementação de uma assistência humanizada, livre de discriminações e julgamentos. **Conclusão:** A violência obstétrica está instaurada em ações comuns do dia a dia da equipe multidisciplinar, sendo muito mais evidente em periferias e entre pessoas em situação de vulnerabilidade. A enfermagem tem grande impacto no acolhimento de parturientes, mas toda a equipe multidisciplinar deve ser responsabilizada quando se trata de atendimento humanizado, acolhimento e ética durante este ou qualquer outro período. Todo o sistema deve ser revisado e atualizado para que não haja brechas para desrespeito ou desqualificação das vontades das mulheres em relação ao próprio corpo.

Descritores: Violência Obstétrica, Parto Humanizado, Enfermagem Obstétrica.